



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Morrendo aos poucos

Clarice Lispector, umas das referências máximas de qualquer escritor que se aventure pela crônica, admitia ter certa dificuldade em demonstrar engajamento social nos seus textos. Em *A Legião Estrangeira*, ela explica a questão. O livro, uma coletânea de textos curtos, sucedeu *A paixão segundo G.H.*, um de seus clássicos. Segundo o biógrafo Benjamin Moser, dali saíram vários indícios de por onde a produção da escritora seguiria após a inquietante cena da barata.

Havia uma pressão naqueles anos de

ditadura militar por engajamento e defesa da justiça social. Clarice se guardava ao direito de se perdoar por não conseguir se aproximar do fato social do modo ‘literário’ e explicava: “Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era ‘fazer’ alguma coisa, como se escrever não fosse fazer. O que não consigo é usar escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e me humilhe”.

A cronista continua, evocando a indignação de cada um de seus leitores e os chamando à responsabilidade: “O problema de justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele — e sem me surpreender não consigo escrever. E também porque para mim escrever é procurar. O sentimento de justiça nunca foi procura

em mim, nunca chegou a ser descoberta, e o que me espanta é que ele não seja igualmente óbvio em todos.”

Mas quando era impossível calar a escrita diante de uma atrocidade, ela o fazia, de modo igualmente visceral. Um dos textos mais emblemáticos nesse sentido foi sobre o assassinato de Mineirinho, publicado na revista *Senhor* e, depois, no compilado de textos de *A Legião Estrangeira*. O criminoso foi morto pela polícia com 13 tiros.

“Eu me transformei no Mineirinho, massacrado pela polícia. Qualquer que tivesse sido o crime dele, uma bala bastava; o resto era vontade de matar”, escreveu Clarice. “Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro

me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro.”

Lembrei-me desse texto porque foi exatamente assim que me senti quando um colegiado de juízes de Minas Gerais resolveu inocentar um homem de 35 anos que estuprou uma criança de 12. Os magistrados, contrariando a lei que imputa crime sobre qualquer relacionamento com menor de 14 anos de idade, resolveram que houve consentimento e que isso absolve o criminoso de culpa.

Ali, eu morri um pouco, assim como tantas outras mulheres e meninas. Zombaram e tripudiaram de cada uma de nós. Decidiram que nossos corpos não passam de objetos à disposição de quem quer que queira usá-los ou vendê-los. Determinaram que nossas infâncias não importam e que nossas palavras só servem quando agem na defesa dos nossos agressores. Entenderam que as leis podem ser relativizadas quando for do interesse de quem violenta e destrói a vida de mulheres e de meninas. Eles não foram os primeiros, mas espero que sejam os últimos, pois não aguento mais morrer aos poucos. O que me espanta, parafraseando Clarice, é que esse sentimento não seja igualmente óbvio em todos.

»PodEnvelhecer | LORENA MORAES | CONSULTORA DE ESTILO E IMAGEM

Dando vida ao estilo

Não há imagem padrão para quem chegou à maturidade, diz especialista. Para ela, autoconhecimento e senso de adequação são as chaves para se expressar sem medo

» CARMEN SOUZA
» SIBELE NEGROMONTE

A consultora de estilo e imagem Lorena Moraes é taxativa: os 60 podem ser os 60. Ou seja, é possível manter a essência — e comunicá-la — com a chegada da maturidade. “Uma mulher mais velha é um rio profundo e denso. Então, ela tem muita coisa para informar (...) *A imagem é uma ferramenta muito poderosa, porque você diz sem dizer.*”

Convidada do 13º episódio do PodEnvelhecer, Lorena falou de cobranças sociais, etarismo, cuidados com a imagem masculina e um dilema comum entre as mulheres mais jovens. “Querem comunicar autoridade, elegância e estabilidade. E esses são signos de quê? De maturidade. Então, a gente precisa decidir, como sociedade, o que queremos.” Confira os principais trechos da entrevista.

Estilo se ensina ou a pessoa nasce com ele?

O estilo tem duas vertentes, que é a essência, algo que ninguém tira de você, características que você carrega e que não precisam ser apagadas. Mas tem elementos que a gente pode

adicionar. Dizemos que, em relação ao estilo, a gente adiciona e sugere, mas não impõe, porque, senão, fica uma coisa simulada.

E como ficam as tendências?

A tendência é uma ferramenta que usamos para potencializar quem a gente já é. Eu falo adicionar ferramentas nesse sentido, de servir a você de acordo com o ambiente em que você vai transitar. Nem tudo que te serve, te cabe. O estilo, a tendência, a moda têm que trabalhar a seu favor, e não o contrário. Eu não gosto nem de usar esse termo, mas todo mundo fala que, hoje, os 60 são os novos 40, porque as mulheres estão envelhecendo de uma forma muito diferente.

Existem protocolos ou você pode ser livre para ser quem quiser em qualquer idade?

Os 60 podem ser os 60. E com dignidade, porque cada marca que eu carrego no rosto fala algo a respeito da minha história, da minha construção. Há esse estigma social de que envelhecer é uma coisa ruim. Eu sou uma mulher negra e a minha avó, que já é falecida, falava que só está vivo quem não morreu. É um manifesto

Pedro Mesquita/CB/D.A Press



Convidada do 13º episódio do PodEnvelhecer, Lorena falou de cobranças sociais e de etarismo

de resistência de você continuar viva. Para uma mulher, num país como o nosso, que sofre uma série de questões em relação à mulher, à mulher idosa, à mulher em suas diversidades, e em que nem todas permanecem vivas como gostariam e como merecem, é um símbolo de poder chegar aos 60 anos e dizer: “Estou viva”. Sobre os protocolos, a gente tem um senso de entendimento do que eu sinto como confortável para mim. Costumo dizer que a minha primeira audiência sou eu. Tem coisas que eu usava aos 20 anos, que hoje não uso (eu tenho 44 anos) porque não me sinto bem. E não porque alguém disse que eu não deveria usar. E tem também o senso de adequação. Cada ambiente requer que você esteja posicionada de uma forma, porque não é sobre se importar com o que o outro fala de você, mas se importar com o que eu estou comunicando.

Nesse caldeirão que você trouxe, entra outra questão, que também é uma perspectiva coletiva, o etarismo. Quando se envelhece, as proibições quanto ao estilo aumentam?

Sim. Eu sou grisalha desde os 14

anos e passei por duas transições, a do cabelo natural e, depois, para o cabelo grisalho. E eu ouvi muito essa questão do desleixo. Eu não posso ficar sem pintar o cabelo, porque vou parecer mais velha, cansada. A gente ainda tem muitos avanços para fazer, mas eu vejo que já se avançou muito. A maioria das mulheres jovens que me procuram querendo se posicionar na sua imagem, comumente, dizem que querem comunicar autoridade, elegância e estabilidade. E esses são signos de quê? De maturidade. Então, a gente precisa decidir, como sociedade, o que queremos. Ao mesmo tempo em que a gente impõe barreiras para pessoas mais velhas, também queremos a maturidade comunicada na imagem delas. Não é que as pessoas não aceitem, não gostem, é porque não temos essa clareza de pensamento do que significa.

Como você percebe essas exigências para as mulheres negras, que chegam aos 60, 70, geralmente com um acúmulo maior de opressões?

A gente parte do princípio de

que a estética da mulher branca não é igual à estética da mulher negra. A mulher negra, na sua idade madura, também tem esses atravessamentos do que é permitido que ela vista socialmente. E, ainda bem, a gente tem agora exemplos. Eu sou servidora pública, trabalho no Ministério dos Direitos Humanos, e a minha ministra é uma mulher mais velha, a Macacé Evaristo. Conheci a dona Conceição Evaristo algumas semanas atrás. Então, a gente já consegue ver uma liberdade maior de se vestir, mas diferente de uma senhora branca. A gente ainda tem essa dificuldade do adequado, mas aos poucos, tem conseguido ver avanço, sim, de uma liberdade de expressão maior, principalmente no uso de cores, sem parecer gritante demais, inadequada demais, que foi uma coisa que nos foi dita durante muito tempo. O principal ponto é entender que a estética da mulher negra madura é diferente da mulher branca madura. E que existe uma liberdade de construção de estilo, de acordo com as mulheres da sua família. Mulheres que são letradas, em geral, têm essa possibilidade,



Assista à
íntegra da
entrevista

esse repertório de buscar referências de mulheres mais velhas para se inspirar e se vestir.

É, de fato, uma construção a partir da história de cada pessoa.

Eu costumo dizer que é um baú de tesouros. Uma mulher mais velha é um rio profundo e denso. Então, ela tem muita coisa para informar, comunicar. Muitas vezes, essa mulher foi silenciada e não teve essa possibilidade, até aquele momento, de dizer quem é. E a imagem é uma ferramenta muito poderosa, porque você diz sem dizer.

Temos muito forte no Brasil a cobrança para mudar a imagem. É a plástica, são as cirurgias, agora, as canetinhas emagrecedoras. Como é que você percebe isso?

Não tem nada de errado em mudar, desde que você não esteja buscando uma fuga para se distanciar de quem você é, por não gostar de quem você é. Isso parte muito da autoestima e de como você se reconhece na sua imagem. Tem pessoas que têm muito essa necessidade da mudança estética, e essa é uma coisa que precisa ser avaliada com cuidado. Cada traço do nosso rosto tem um porquê. É o nosso RG visual. Oitenta por cento da comunicação não verbal está no rosto, não está no que a gente veste. O rosto é percepção e o corpo é adequação.

E o homem com 60, 70, 80? Ele também comunica na forma como se apresenta?

Eles estão mais nessa busca de comunicar o conforto por meio da imagem, de não ser aquele senhorzinho, mas de ser um homem maduro. Tem estratégia de comunicação de imagem para homens, para que eles mostrem o homem maduro, que são, mas sem querer simular um garoto. E nem relaxado. Mostrando os sinais no seu corpo de que eles são homens maduros, mas de que são homens que ainda têm muita vida, muita coisa para comunicar, para compartilhar.

DESPEDIDA

O adeus a Carlos Ivan Pereira

» ANA CAROLINA ALVES

O professor aposentado da Secretaria de Educação do Distrito Federal Carlos Ivan Pereira morreu no último sábado, aos 56 anos. Ele enfrentava um câncer havia anos e estava internado para tratamento. Carlos deixa dois filhos, João Victor Parente da Silva, de 18 anos; e Pedro Henrique Parente da Silva, 23, além da esposa, Sueli Parente, gerente Comercial e de Marketing do **Correio**, com quem era casado havia 30 anos.

Além da atuação na rede pública de ensino, Carlos Ivan também trabalhou no **Correio**. Torcedor do Vasco, será velado com a camisa do time do coração, hoje, a partir das 8h30, no Templo Ecuemênico 2 do Cemitério Campo da

Esperança, na Asa Sul. O sepultamento está previsto para as 11h.

Familiares e amigos se recordam do professor pelo amor à natureza, pelas viagens e pela paixão pela pesca. Nas redes sociais, João Victor deixou uma mensagem de agradecimento ao pai: “Obrigado por tudo, papai”.

Amigo de longa data, Jodeval Delmondes de Lima, 58 anos, relembrou a trajetória de Carlos Ivan Pereira desde os tempos de escola, na década de 1980. Segundo ele, a amizade atravessou décadas e foi marcada por aventuras e encontros quase diários. “Criamos um grupo de amigos da natureza chamado Lobo Guará, onde postávamos nossas aventuras na Chapada dos Veadeiros, em Cavalcante. Ele e mais dois amigos têm um

ranchinho à beira do rio e eu tenho outro, a oito quilômetros de lá. Viajávamos sempre juntos e nos víamos quase todo dia”, contou.

Emocionado, Jodeval destacou o espírito solidário e a força do professor diante da doença. “Pessoa maravilhosa, muito preocupada com seus semelhantes, prestativa e amiga. Muito forte e guerreiro, pois vinha lutando contra essa doença havia anos. Estou muito triste por perder meu amigo aventureiro dessa forma tão precoce. Que Deus o receba em seus braços com toda a honra que ele merece. Vamos sentir muita falta”, lamentou.

Maria Valda César, pedagoga e administradora de 63 anos, amiga da família há cerca de 20 anos, descreveu Carlos Ivan como um homem dedicado e agregador. “Ele

sempre foi incrível. Muito dedicado à família, tinha vários amigos e era visto como uma pessoa agregadora, feliz, animada”, afirmou. Segundo ela, o professor enfrentou a doença com coragem e disposição. “Lutou oito anos no tratamento e nunca desanimou. Viajava, ia para o campo, adorava pescar, aproveitar a natureza”, relembrou.

Amiga de Sueli Parente — a quem chama de irmã —, Maria Valda destacou o amor do casal. “Ele amava a Sueli e a chamava de Lili. Seus filhos são muito bem educados, respeitosos e amáveis”, destacou.

Nas redes sociais, amigos também prestaram homenagens emocionadas ao professor. “Meu amigo Ivan... Eu nunca vou me esquecer da forma como você me recebia em sua casa. Você me abraçava

Arquivo pessoal



Professor aposentado da Secretaria de Educação morreu no sábado

e dizia: ‘Você é muito bem-vindo aqui em casa, sempre. Eu gosto muito de você’”, escreveu Fabrício Cardoso, ao agradecer pela generosidade do amigo. Marlon Braz Oliveira relembrou a amizade

construída no magistério: “Prosas e mais prosas sobre viagens, pescaria, Land Rover Defender, nosso tanque de guerra. Descanse em paz, meu amigo, no oriente eterno com o Divino Criador”.